

O TRATADO DE IANSÃ

IANSÃ'S TREATISE

Akaiaká Silva

O tempo como poesia o fascinava. Certo dia, antes de sair para trabalhar no centro de São Paulo, ainda na cama, com o corpo imobilizado pelo frio intenso, travado e sem coragem, pensou: “O tempo como poesia será agora a minha sina”. O sonho que teve durante a madrugada é elementar nisso. Ele voltou a um lugar de sua infância. Esse retorno raramente é salutar, pois algumas memórias soam como feridas abertas: as amizades que ficaram para trás, o rompimento com a família, as notícias dos amigos que morreram e a confusão que foi criar-se, tendo que dar forma a si, em termos de educação, de postura, de referência, de persona. O cenário era desolador. O chão, com referências caóticas. A casa, uma loucura. A avó, uma guerreira: uma mineira que faxinou muitas casas e que trabalhava de forma parcial como ajudante de uma zeladora de escola pública no Rio de Janeiro – de onde vinha parte da comida que os alimentava, com as sobras do dia. A mãe no trabalho: longe, distante, sempre calada. Tios alcoólatras, gritos em casa: “Você não será nada nessa vida”, “Você não é nada”. Lágrimas. Pedidos embaixo do cobertor, durante a madrugada persistente: “Minha mãe Iansã, me tira daqui, por favor”. Hoje, ele se pergunta por que essas memórias voltam. Elas parecem insistir. Não saem. Não há janelas para que saiam de dentro dele. Ele tenta entender como o tempo, matéria abstrata e fugaz, possui tanta eloquência, elegância e robustez. Como algo tão efêmero pode ser tão forte? O que explica a natureza do tempo? Por que ele é assim? Ele cogita que o tempo, sob o comando

de Iansã, que o resgatava naquelas tristes madrugadas, seja como ela: vento, brisa, tempestade, instabilidade, mas sobretudo força de transformação. Rompimento. O tempo é rompimento. A conexão com ele é uma desconexão. Não dá para saber como e onde ele começa, nem onde termina: o tempo é. Ele se levanta. Olha-se no espelho: está cinza como o dia lá fora. Gélido como o ar que paira sobre a cidade. Decide não ir trabalhar: “Preciso acertar uma conta com o tempo. Preciso falar com Iansã”. Ligeiramente, ele se arruma, toma café, cuida do corpo e, aos poucos, o dia vai amanhecendo dentro dele. O frio vai cedendo lugar ao calor. As nuvens vão se dissipando. Vai a seu quarto, senta-se à mesa de trabalho e rascunha na primeira folha que encontra: “Tratado do tempo persistente, tempo Iansã”. O manuscrito recupera as dobras do pensamento e das memórias que teve ainda na cama, durante aquela manhã. Vai um pouco mais além: discorre que Iansã, brava guerreira, fez do tempo e da tempestade alimentos de sua devoção durante as lutas que travou. Sem se deter na origem e na história de Iansã, ele é sincero consigo: “Chamo por este nome porque seu som me encanta. Lembro de um giro desta senhora no corpo de um menino – como eu na época – em um terreiro de Umbanda na Zona Norte do Rio de Janeiro”. Ele olhou. Trêmulo. O medo de ver o menino voando. O medo de ele sublimar-se em ar e tempestade. Acreditou que o menino ia voar. Uma senhora ao seu lado cochicha em seu ouvido: “É a senhora do tempo e das tempestades. Essa é Iansã. Mulher guerreira que luta contra todos os maus tempos”. Aquilo o fascinou e, desde então, ele, que não voltou mais a terreiros e não se aproximou do giro de Iansã, tinha essa senhora como seu deus pessoal. Relapso que era, Iansã muito raramente tomava conta de seus pensamentos e vazios. Mas, naquela manhã, a tempestade estava pesada demais. O tratado que escreve é rebelde: “Iansã deve ter ficado chateada por eu não lhe prestar homenagens e mandou tempestades de memórias para que eu me afogasse e pedisse por seu socorro. Ela comanda os tempos: os da natureza e os nossos. Ela faz de todos um só tempo, e isto me perturba. Este tratado do tempo persistente volta-se para a compreensão de que Iansã, a Iansã que vi girar no corpo de um menino magricelo, criança frágil e inocente, foi espelho de um tempo vindouro. Ela estava me preparando para a vida”. Para a escrita, fecha as janelas. A chuva bate forte rente ao parapeito da vidraça e chega a molhar alguns livros. Senta-se para continuar. A luz vai embora.

Parece que caiu um raio em algum ponto da rua. Trovões. Estrondos. Mais chuvas. Não há velas, nem para Iansã nem para ele. Não há o que iluminar. Não há como iluminar o tempo ausente. O tempo é aquilo que persiste em forma de pensamento e de memória. É irrefutável. Iansã fez dele guerra, paz, assombro e bonança. Quando ela girou no corpo daquele menino, ela o pegou no colo através dele. O medo que sentiu foi o medo do próprio voo. A lágrima que caiu foi a chuva que tornou férteis os campos secos daqueles dias. Agora, se ele acha que para isso precisa escrever um tratado, é possível que esteja totalmente enganado. O tempo quer mostrar isto: os sonhos que remetem à infância, o regresso ao tempo ruim, o visualizar das intempéries pelos artifícios da imaginação sonolenta – e criativa –, é parte de um tratado mais que humano: é o próprio tempo tecendo a experiência.